

DE ALGUNS PRESSUPOSTOS ANALÍTICOS NA LITERATURA SOBRE OS XOKLENG: ESBOÇO PARA UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA¹

KAIO DOMINGUES HOFFMANN²
UFSC

RESUMO: *De modo exploratório e não exaustivo, o texto trata de parte relevante da bibliografia antropológica produzida sobre os Xokleng – grupo de língua Jê situado no alto vale do Itajaí, em Santa Catarina. Concentra-se nos trabalhos de maior fôlego e enfatiza continuidades e rupturas analíticas nestas obras, que abrangem um período que vai da década de 1930 até a primeira década deste século. Busca olhar criticamente para os pressupostos implícitos nos modelos utilizados por estas pesquisas e apontar para outras abordagens possíveis.*

PALAVRAS-CHAVE: *Xokleng; etnologia Indígena; bibliografia Xokleng; Jê Meridionais.*

ABSTRACT: *In an exploratory and non-exhaustive manner, the paper covers a relevant part of the anthropological literature produced on the xokleng - a Je speaking group who lives on the upper valley of Itajai, in Santa Catarina, Brazil. It focuses on the works of greater scope and emphasizes continuities and analytical ruptures in these works, covering a period from the 1930s until the first decade of this century. It aims at looking in a critical manner to the assumptions underlying the models used by these researches and pointing to other possible approaches.*

KEYWORDS: *Xokleng; Indian ethnology; Xokleng bibliography; meridional Je languages.*

(...) pois eu, que me lamento diante das sombras, não seria impermeável ao verdadeiro espetáculo que está tomando forma neste instante mas para cuja observação meu grau de humanidade ainda carece da

¹ Agradeço ao meu orientador Rafael José de Menezes Bastos e aos professores Marnio Teixeira-Pinto e Oscar Calavia Sáez pelas conversas mantidas ao longo do ano, assim como a Flavio B. Wiik pela atenção e solicitude. Um agradecimento especial ao professor Silvio Coelho dos Santos (*in memoriam*) por todo apoio, prontidão e sabedoria demonstrados em quatro anos de rico convívio. Agradeço ainda aos pareceristas anônimos da revista Espaço Ameríndio pelas sugestões ao presente artigo. Devo lembrar que sou o único responsável por este texto.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e integrante do Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e Caribe (MUSA). E-mail: kaiodh@hotmail.com.

sensibilidade necessária? Dentro de algumas centenas de anos, neste mesmo lugar, outro viajante, tão desesperado quanto eu, pranteará o desaparecimento do que eu poderia ter visto e me escapou. Vítima de uma dupla inaptidão, tudo o que percebo me fere, e reprovo-me em permanência não olhar o suficiente (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 40).

Este texto tem como objetivo fazer uma breve revisão crítica de parte da literatura antropológica sobre os Xokleng. Friso, desde o início, meu respeito e admiração pelos principais autores aqui revisitados, que de maneira competente têm contribuído para o diálogo entre a antropologia e este grupo indígena, gerando importantes contribuições para a etnologia³.

Vale notar que este texto trata prioritariamente das etnografias realizadas a respeito dos índios localizados na Terra Indígena Ibirama-Laklânõ (doravante TII), em Santa Catarina. Os Xokleng, no entanto, não se reduzem a este contingente populacional, estando presente também na TI Rio dos Pardos, município de Porto União (SC) (Cf. PEREIRA, 1995) e na comunidade Zagaua, município de Riozinho (RS) (Cf. BAPTISTA DA SILVA, 2008). Contudo, os Xokleng da TII, até onde sei, não parecem manter relações com estes outros dois grupos.

Os Xokleng de quem este texto trata estão localizados, em sua maioria, na região do alto vale do Itajaí, em Santa Catarina. Ali, são em número aproximado de mil e quinhentas pessoas⁴ e se distribuem ao longo de catorze mil hectares de terras, divididas em sete aldeias⁵ e entrecortadas pelo rio Hercílio (um dos formadores da bacia do rio Itajaí-Açu). Do ponto de vista lingüístico, juntamente com os Kaingang, fazem parte do ramo meridional da família Jê⁶.

A primeira etnografia sobre os Xokleng realizada por um antropólogo foi a de Jules Henry, que esteve com o grupo de 1932 a

³ Para evitar confusões ao longo do texto, noto que as aspas duplas em palavras e expressões indicam citação da obra que está sendo discutida, as aspas simples têm o intuito de colocar o termo em suspensão/suspeita e o recurso itálico é utilizado para dar ênfase ou para indicar uma palavra nativa.

⁴ De acordo com censo realizado em 2003 pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) (DIAS-SCOPEL, 2005, p. 79). O último censo realizado na TII pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 1997, conta aproximadamente mil pessoas – entre Xokleng, Kaingang, Guarani, brancos, *cafuzos* e *mestiços* (WIJK, 1998).

⁵ Aldeias Palmeirinha, Figueira, Coqueiro, Toldo, Pavão, Sede e Bugio.

⁶ Tais informações têm o intuito de situar os Xokleng e não de defini-los. Sobre a língua xokleng, ver, dentre outros, Gakran (2005).

1934⁷ – dezoito anos após a ‘pacificação’⁸. Publicado originalmente em 1941 sob forte influência do culturalismo norte-americano (Henry foi aluno de Franz Boas e Ruth Benedict), *Jungle People* (1964) traz uma rica descrição que perpassa vários domínios da vida social xokleng: rituais, mitos, caça, xamanismo e as relações com o “sobrenatural” (“espíritos” das árvores, rios, pedras, animais) são temáticas que atravessam o livro. O autor dá especial ênfase às relações de parentesco (as diferentes formas de matrimônio – monogamia, poliginia, poliandria e casamento conjunto, as últimas duas não existindo mais na época do trabalho de Henry) e às relações de conflito (as vendetas)⁹. Com base nisto, Henry conclui que não havia estrutura social no grupo: várias formas de casamento, sem regras matrimoniais prescritivas, sem grupos de descendência unilinear, homens divididos entre laços de sangue e de casamento (consanguinidade/afinidade), sem chefe, sem limites territoriais¹⁰ e, ainda, uma agressividade desmedida direcionada para quem não fazia parte da família extensa (a unidade mínima de segurança entre o grupo, segundo o autor) – resultando em assassinatos, que por sua vez geravam vinganças, que geravam mais ódio, disputas e insegurança entre os sujeitos envolvidos, não existindo mecanismo social, sempre segundo Henry, capaz de interromper o ciclo ou compensar as perdas. A análise traz uma forte oposição entre indivíduo e norma social, a explicação indo ao encontro do indivíduo e sua “estrutura psíquica”¹¹.

⁷ Antes do trabalho de Henry é possível encontrar, além de várias notas em jornais locais, textos como os dos médicos Gensch (1908) e Silva (1930). O primeiro traz informações linguísticas com base nos relatos de sua filha (Xokleng sobrevivente a um dos massacres promovidos pelos bugreiros e adotada por Gensch), o segundo consistindo em pequena monografia publicada no Rio de Janeiro.

⁸ Grosso modo, ‘pacificação’ foi o nome dado pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) ao processo de confinamento dos povos ameríndios considerados ‘ferozes’ e que ‘atrapalhavam’ os projetos nacionais. No caso dos Xokleng, tal processo esteve ligado aos conflitos com os colonos europeus que vinham se instalando em Santa Catarina desde o século XIX. Note-se que era comum no século XIX e início do XX o financiamento, por parte do estado, de *bugreiros* – tropas paramilitares que tinham como objetivo a ‘caça’ e o extermínio dos *bugres* (denominação pejorativa dada aos ameríndios no sul do país). Sobre a ‘pacificação’ dos Xokleng, ocorrida em 1914, ver principalmente Coelho dos Santos (1973).

⁹ O interesse de Henry nos Xokleng provavelmente ocorreu devido à comunicação de Paula (1924) num *Congresso Internacional de Americanistas* (Rio de Janeiro, 1922), que divulgou internacionalmente dados sobre os Xokleng (inclusive a existência de “casamento conjunto” no grupo) (COELHO DOS SANTOS, 2000).

¹⁰ Na época dos primeiros contatos com os colonos europeus em Santa Catarina, os Xokleng eram seminômades.

¹¹ Ressalto ainda que todas as ausências alegadas por Henry (1964) parecem coadunar com a importação de modelos teóricos oriundos de outras paragens etnográficas (África, Ásia, Melanésia) – os ameríndios

A maior parte da obra é escrita no pretérito, posto que o autor se concentra em muitas informações (provenientes dos próprios Xokleng) que dizem respeito ao período anterior à ‘pacificação’ – o que o grupo fazia no passado. Henry (1964), no entanto, nota que a despeito de todas as mudanças (rituais que foram abandonados, inexistência de poliandria, e assim por diante), “muitos dos antigos modos de vida ainda são seguidos e as atitudes fundamentais permanecem as mesmas” (HENRY, 1964, p. XXII). É interessante notar também que este trabalho tem servido como base na literatura sobre os Xokleng quando se quer tratar de mudanças e continuidades – partindo de suas descrições estabelece-se uma comparação entre aqueles Xokleng e os atuais. A falta de estrutura alegada pelo autor foi criticada por outros antropólogos, às vezes apenas com o material fornecido por ele mesmo¹², em outros casos, com outros trabalhos de campo que trazem dados semelhantes aos dele.

Este é o caso de Greg Urban (1978) que propõe esclarecer o que ficou conhecido como a “anomalia etnográfica xokleng”. Seus esforços apontam principalmente para mostrar que a organização social do grupo pode ser considerada como um sistema e que os Xokleng podem ser incluídos num quadro comparativo mais amplo acerca das populações Jê – o autor aqui se refere ao *Harvard Central Brazil Research Project*, que teve como resultado o livro *Dialectical Societies* (MAYBURY-LEWIS, 1979)¹³. Para demonstrar isto, aponta para o passado: através dos depoimentos das pessoas mais velhas do grupo, Urban reconstituiu uma história prototípica de conflitos, alianças e migrações de vários subgrupos, que vieram a estabelecer o grupo em sua atualidade. Notícia também que existiam três facções xokleng à época dos primeiros contatos com os imigrantes europeus. A que ficou aldeada na TII seria a facção *rakranò*. As outras duas seriam a *ngrokòthi-tō-prèy* (em Rio dos Pardos) e *angyidn* (na Serra do Tabuleiro; ao que se sabe, não entraram em contato permanente com o SPI, estando hoje, aparentemente,

sendo considerados então fluídos demais (não tinham linhagens, grupos corporados, etc.) – apontada por Overing (1977) em texto crucial no redirecionamento da etnologia das terras baixas da América do Sul.

¹² Ver, por exemplo, Hicks (2003).

¹³ Coordenado por Maybury-Lewis, o *Harvard Central Brazil Research Project* foi um convênio entre o Museu Nacional e a Universidade de Harvard na década de 1960, que reuniu vários antropólogos com o intuito de pesquisar as sociedades Jê.

extinta)¹⁴ O olhar de Urban, portanto, visa construir um modelo para entender o que chama de proto-sistema xokleng, notando o que era e não era mais operante durante seu trabalho de campo na década de 1970.

Chamo atenção para uma passagem do texto na qual afirma que sua primeira impressão junto dos Xokleng era a de um grupo em vias de “aculturação”. Após maior contato com eles, porém, alega que “uma estrutura forte e profunda persiste apesar de sua aparente aculturação” (URBAN, 1978, p. 68), exemplificando que atrás de suas casas (construídas de forma quase idêntica às dos regionais pobres) sempre havia um abrigo com uma fogueira, onde se desenrolava a maior parte da vida social (ao modo “tradicional”, portanto). As casas seriam falsos índices de aculturação, como se houvesse uma camuflagem/casca/superfície que encobriria a ‘real primitividade’ do grupo (o mesmo acontecendo em relação ao faccionalismo, às relações entre parentes e afins, e assim por diante)¹⁵.

Anterior ao trabalho de Urban (1978), Silvio Coelho dos Santos (1973) se concentra no período de contato mais intenso com os brancos (ou a assim chamada “sociedade envolvente”): dos conflitos com os colonizadores europeus, passa pela ‘pacificação’, e chega às relações advindas a partir daí. De cunho mais historiográfico, o trabalho apresenta uma dimensão de denúncia acerca dos problemas pelos quais passavam os Xokleng. Sua análise do contato traz a reboque a idéia de

¹⁴ O *aparentemente* aqui, tem em mente o ressurgimento de alguns grupos indígenas no nordeste brasileiro no final do século XX; ver, por exemplo, Oliveira Filho (1998) e Herbetta (2006). Sobre os *Ngrokòthi-tõ-prèy*, ver Pereira (1995). Em relação ao etnônimo *rakranò*, recentemente alguns trabalhos têm trazido a auto-designação *laklânò* (aquele que mora/está debaixo do sol), que dependendo do autor, ora designa o grupo (substituindo assim o termo xokleng), ora a Terra Indígena (DIAS-SCOPEL, 2005). Sugiro que se trata do mesmo etnônimo que o levantado por Urban (1978).

¹⁵ Por economia na arguição e por falta de espaço, utilizo apenas esta obra de Urban para a construção do meu argumento. Apesar de sua produção sobre os Xokleng ir para além desta, considero que alguns dos pressupostos de suas análises de 1978 aqui utilizados podem ser encontrados ainda em outros textos seus. Suas outras publicações sobre o grupo incluem vários artigos e um livro, a maioria deles centrado numa abordagem do discurso sob a inspiração da antropologia da linguagem norte-americana (1982 e 1986, por exemplo). Em 1996 publicou *Metaphysical Community*, com dados de sua pesquisa de campo da década de 1970. Ali argumenta sobre a importância do discurso para a criação da sociedade (que não é considerada como algo exterior e anterior ao discurso, tais como as rochas, montanhas e animais seriam), a metáfora sendo um recurso importante em sua análise. Para uma crítica interessante do livro a partir do perspectivismo, ver Viveiros de Castro (2004). Em 1990 colaborou com um memorial do museu do Texas, Estados Unidos (SULLIVAN e MOORE, 1990), sobre expressões artísticas xokleng. Noto nestas colaborações um texto no qual Urban lamenta a recente morte de um ancião que teria deixado um “buraco” na produção da cultura xokleng, levando consigo uma parcela significativa da “cultura tradicional” (URBAN, 1990). É esta a embocadura que perpassa todo o memorial.

perdas da “cultura tradicional”, decorrentes da integração à economia regional. A voz ativa na descrição é geralmente a dos brancos – agentes ativos no processo histórico –, restando ao indígena o papel de responder a estas imposições. A ênfase não consiste, conforme abordagens mais recentes, em compreender como os brancos foram inseridos pelos indígenas em seus regimes simbólicos e no papel ativo de construção e conformação de significados dos ameríndios nestes processos históricos¹⁶.

Vale dizer que o trabalho de Coelho dos Santos (1973) traz uma politicidade explícita, que por mais que se reflita numa imagem bipolar e vertical entre dominantes e dominados, não exclui o campo de poder em que estes encontros estão imbricados. Existe uma bibliografia considerável que decorre desta abordagem (algumas delas orientadas pelo autor)¹⁷ e outras que continuam a visar os encontros e desencontros com o *mundo dos brancos*¹⁸.

Conforme já colocado por Wiik (2004a), o que gostaria de reter dos autores revisitados até aqui é que Henry (1964), Coelho dos Santos (1973) e Urban (1978) escolheram tratar do passado. Nenhum deles se concentrou no presente em que seu trabalho de campo estava sendo feito – o presente servindo apenas como comentário do passado, em termos do que ainda estava operante ou inoperante/desestruturado.

¹⁶ Relembro a assertiva de Lévi-Strauss (1993) a respeito da “abertura para o outro” no que diz respeito aos ameríndios à época das primeiras invasões européias: “nenhum desequilíbrio poderia parecer mais profundo aos índios do que aquele entre eles e os brancos. Mas eles dispunham de um modelo dicotômico que permitia transpor em bloco essa oposição e suas seqüelas para um sistema de pensamento no qual seu lugar estava, de certo modo, reservado” (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 66). Para algumas abordagens que destacam a agência dos ameríndios, ver, por exemplo, a coletânea *Pacificando o Branco* (ALBERT e RAMOS, 2002), cujo título toma como inspiração a nota de Darcy Ribeiro (1996, p. 204-206) sobre o fato de alguns povos indígenas terem afirmado que foram eles que “pacificaram” o branco e não o contrário – dentre os povos mencionados por Ribeiro estão incluídos os Xokleng.

¹⁷ Em relação aos trabalhos orientados por Coelho dos Santos, ver, por exemplo: Müller (1985) sobre a construção da barragem norte na década de 1970 na TII; Pereira (1995) sobre os Xokleng de Rio dos Pardos (facção *Ngrokôthi-tô-prèy*); Henriques (2000) sobre a migração para Blumenau; Maestri (2001) sobre a atuação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) junto aos Xokleng na luta pela demarcação de terras. Para um interessante registro fotográfico sobre o grupo, que reúne fotografias desde antes da pacificação até a década de 1990, ver Coelho dos Santos (1997).

¹⁸ Namem (1991), por exemplo, anuncia sua intenção de enxergar o contato como organizador das diferenças, não conseguindo, porém, em minha leitura, ir além de apresentar um discurso nativo em segundo plano com relação a projetos de desenvolvimento que ordenam crono e logicamente sua descrição. Para mais um trabalho que trata das histórias do ‘contato’, ver Wittmann (2005 e 2007), que busca retratar algumas trajetórias biográficas de protagonistas indígenas (os casos de adoção de índias por colonos), buscando nas entrelinhas de documentos as ações dos Xokleng em suas relações com o *mundo dos brancos*.

Esta escolha aponta para algo que já está indicado na passagem de Urban a respeito das casas, e que deve nos fazer olhar criticamente estes trabalhos. Neste sentido, a exclusão do grupo (e dos Kaingang) do *Harvard Central Brazil Research Project* por sua alegada “quebra da cultura tradicional” também é significativa (LOCH, 2004, p. 120-125).

Sugiro que tal tendência (a preocupação com o passado e sua ‘autenticidade’) é atualizada de outra forma em trabalhos recentes, onde o presente do grupo tem mais peso – porém, a partir daí, se olha novamente para este ‘passado autêntico’.

Refiro-me ao trabalho de Flavio Wiik (2004a e 2004b). Ao tratar da conversão dos Xokleng ao pentecostalismo, o autor enfatiza o “caráter dialético” dos processos de ruptura e continuidade e busca explicar o sucesso do pentecostalismo entre o grupo apontando para o que chama de “homologias” entre os sistemas “autóctone” e “exógeno” no início das conversões (anos 1950). Trazendo a interpretação nativa contemporânea, Wiik mapeia as apropriações xokleng do evangelho – como eles enxergam aspectos convergentes entre o *tempo do mato*¹⁹ e o antigo testamento, por exemplo (a poligamia, os conflitos intertribais, a divisão do alimento e dos afazeres). Segundo o autor, além das rupturas trazidas pelo cristianismo, este, “paradoxalmente”, instrumentalizou “processos sociais endógenos de fortalecimento” (WIİK, 2004b, p. 167) onde o ser “crente” confere aos Xokleng “uma unidade organizacional e uma identidade coletiva” (WIİK, 2004b, p. 166). A incorporação do cristianismo seria uma “metáfora da mudança” do grupo, onde a “modernidade” é incorporada ao mesmo tempo em que reforça a “tradição”.

Em outro texto, Wiik (2001) busca na cosmologia o sistema interpretativo para algumas doenças (principalmente a AIDS). Aqui as noções de *kuplen* (traduzido pelos crentes como *alma*, e que se refere ao duplo que pessoas, animais e elementos da natureza possuem) e *ngayun* (ser maléfico que provoca a doença e come o *kuplen* dos seres, também traduzido como *demônio*) são centrais, juntamente com a noção de *co-substancialidade*, que consiste na idéia de que pessoas que compartilham alimentos e relações sexuais possuem as mesmas substâncias físicas. Além destes elementos chamados de “internos” à

¹⁹ *Tempo do mato* é uma categoria nativa que faz referência ao tempo mítico, conforme adiante.

cosmologia, o autor ressalta que as explicações nativas se utilizam de elementos "externos" para explicar a doença: a construção de uma barragem na década de 1970²⁰ e a forte introdução do dinheiro na TII devido à exploração de madeira são percebidos pelos Xokleng como agentes etiológicos. Conclui então que o episódio da AIDS é um "epifenômeno" de processos de transformações mais abrangentes, já que concentra tanto elementos da cosmologia nativa (*kuplen* e *ngayun*) como elementos macroconjunturais (o dinheiro e a barragem). Novamente, Wiik está apontando para "sínteses" ocorridas devido à história do contato com a "sociedade abrangente"²¹.

Saliento que os textos de Wiik trazem diferenças em relação às outras abordagens brevemente comentadas anteriormente – o autor está tentando suprir uma lacuna temporal produzida em decorrência dos outros trabalhos (muito preocupados com o passado e com 'perdas' e 'desestruturações'). Porém, como afirmado, sua abordagem não foge de todo destas outras pesquisas – de certa maneira ele a atualiza. A abundância de termos como "endógeno/exógeno", "interno/externo", "autêntico/moderno" aponta para isso, assim como o qualificativo "paradoxal". Trata-se de um modelo topológico que traz implícita a assertiva de que existiu algum momento onde os Xokleng foram (puramente) autóctones, e outro momento em que eles deixaram de ser. Mas existiria uma régua para tal demarcação? Ou se trataria antes de um arbítrio (no caso, parece, cronológico) imputado pelo autor? Wiik parece lidar com este modelo como se interno/externo e seus similares fossem instâncias distintas dadas no mundo e não jogos de relações e oposição que se misturam a todo o momento, através de variadas operações (conforme uma abordagem mais relacional – estruturalista – sugeriria). A régua utilizada por Wiik, mas não só por ele, para separar os Xokleng "tradicionais" ('autênticos') e os "atuais" parece ser as descrições de Henry (1964) (talvez porque ele esteja temporalmente mais próximo deste período "pré-pacificação" – o que diz bastante sobre a historicidade e a sociocosmologia dos etnógrafos, mas talvez não dos

²⁰ Para o episódio da construção da barragem e algumas de suas conseqüências, ver Coelho dos Santos e Nacke (2003).

²¹ Outra pesquisa relacionada à antropologia da saúde é a de Dias-Scopel (2005), sobre o trabalho do agente indígena de saúde (AIS) dentro da TII. A autora enfatiza como as lógicas locais se apropriam dos serviços de saúde, identificando um conflito entre as lógicas técnico-burocrática e comunitária.

Xokleng). Tudo se passaria como se os Xokleng sempre tivessem existido e estado em algum lugar (antes talvez da chegada dos *brancos*, ou outro evento).

Além da própria proto-história construída por Urban (1978), uma pequena reflexão sobre os vários etnônimos do grupo ao longo do tempo (Xokleng [Shokleng], Botocudo, Kaingang, Aweikoma, Laklãnō, ou mesmo a ausência de um termo para auto-designação) nos leva para outra direção. Ela aponta para o caráter histórico da formação de qualquer grupo: enquanto o nome parece delimitar, tentando passar uma idéia de homogeneidade e totalidade, a história mostra o caráter contingente e transitório do que chamamos freqüentemente de sociedade (e seus correlatos como grupo, povo, coletivo, etc.). Por mais que seja lugar comum na antropologia, não custa reafirmar: “tendemos a entender os povos indígenas como pequenos agregados fundados em laços biológicos (no longo prazo, genealógicos), mas eles são conjuntos historicamente criados” (SÁEZ, 2008)²².

Desta forma, por exemplo, Menezes Bastos (2001) chama de “pró-Kamayurá” os grupos de língua Tupi que no século XVIII invadiram a região dos formadores do rio Xingu, e que eram chamados de forma genérica pelos grupos já residentes de *Kamayúla*. De modo semelhante, Sáez (2008) afirma que Yaminawa era a forma pela qual alguns grupos chamavam aqueles que viviam na floresta, que se articulavam mais por um “conjunto de práticas xamânicas do que por relações políticas, em comunidades constantemente cindidas e recombinadas” (SÁEZ, 2008, p. 33). Chamo atenção para que nos dois casos a nomenclatura do grupo (e a constituição mesmo) é relacional - não há uma entidade monolítica anterior a qualquer relação (e a qualquer ‘contato’, como as análises anteriores sobre os Xokleng por vezes supõem)²³.

²² Quanto à parte dos “pequenos agregados” é importante lembrar que as sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul constituíam um sistema comunicante que contava com grandes e povoados *cacicados* antes das invasões européias (ROOSEVELT, 1992). A idéia de um sistema comunicante permanece, o tamanho sendo hoje uma das grandes diferenças (que não se deve apenas àquelas invasões). Enfim, ao invés de um modelo *clastreano*, um sistema comunicante global (MENEZES BASTOS, 2001).

²³ Isto poderia desembocar na visão de etnicidade atribuída a Barth (1998): uma posição dentro de um jogo étnico interacional (ou seja, todos precisam dos outros jogadores para que possam definir e redefinir suas posições – elas não existem a priori da interação). Para um olhar mais detalhado e crítico (principalmente na parte em que o conceito pode trazer o pressuposto de um ator racional que visa sempre um benefício), ver Villar (2004). Enfim, tudo isto é um ponto de partida e não de chegada: idéias semelhantes (o ponto de vista relacional) já eram presentes na antropologia antes de Barth – penso em Evans-Pritchard (1993), por exemplo, mas não só.

Enfim, todos aqueles termos oriundos de um modelo topológico, talvez apontem para uma visão aculturativa recalibrada onde a sociocosmologia xokleng fica entre parêntesis. A cultura volta a ser uma espécie de recipiente (com costumes e crenças), que por mais que agora não possa ser esvaziado, pode ainda ser deformado. Se a análise de Wiik (1998, 2001, 2004a e 2004b) trata dos Xokleng como eles se apresentavam durante seu trabalho de campo, ela acaba por inserir estes dados num modelo com pressupostos semelhantes aos dos trabalhos anteriores – se agora não são mais ‘aculturados’, são a síntese (“paradoxal”) de diferentes momentos (um “autóctone” e outro “exterior”). Espero ter deixado claro minha discordância em relação a estes modelos e relembro ainda a crítica de Viveiros de Castro (1999) a esta dicotomia topológica que tem no Estado seu discurso dirigente:

(...) uma vez fixada a perspectiva no pólo indígena, tudo é interno a ele – inclusive a ‘sociedade envolvente’. Todas as relações são internas, pois uma sociedade não existe antes e fora das relações que a constituem, o que inclui suas relações com o ‘exterior’. Mas essas relações que a constituem só podem ser as relações que ela constitui (VIVEIROS DE CASTRO, 1999, p. 120 - grifos do autor).

Considero que o trabalho de Silvia Loch (2004) sobre os Xokleng começa a trazer uma abertura para outro tipo de abordagem acerca do grupo. A autora aponta para a centralidade das categorias “índios do mato” e “índios de fora” (do mato) entre os Xokleng: na percepção nativa “as formas do passado são fundamentais para explicar as formas do presente, que se definem por contraste com a primeira” (LOCH, 2004, p. 31). Ou seja, os Xokleng se percebem como “índios de fora”, construindo uma alteridade com os índios do período “pré-pacificação”, “do mato”:

(...) há uma oposição entre os Xokleng pré e pós-pacificação, que simboliza não somente a passagem no tempo, mas uma verdadeira mutação. Eles continuam, entretanto, dignatários dessa cultura do mato e buscam se apropriar dela de diversos modos – através de hábitos alimentares, medicinais, artísticos (...) (LOCH, 2004, p. 33).

A riqueza do trabalho consiste em se distanciar de uma abordagem que trabalhe, num plano analítico, com as dicotomias paralisantes das abordagens anteriores: endógeno/exógeno e seus similares não são mais categorias descritivas e analíticas, mas conceitos nativos que dão pistas para uma reflexão acerca das operações simbólicas do grupo em suas relações com o outro. Sai-se de um corte arbitrário estabelecido pelo pesquisador para ir atrás da perspectiva nativa que está imbuída nestas afirmações.

Tal perspectiva é privilegiada através de uma análise sobre o espaço entre os Xokleng, temática principal do trabalho de Loch (2004) – um trabalho que tem a topologia como tema, mas que foge de uma abordagem aqui chamada de topológica. A autora faz uma etnografia das formas de organização espacial xokleng, com foco na arquitetura. Enfatiza a alternância entre duas formas de espacialização: as *greves* e as aldeias, estas entendidas pelos índios como “de fora” (não partícipes da *origem*) e aquelas, que acontecem em período de maior mobilidade coletiva (relacionada a protestos direcionados ao *mundo dos brancos*), mais “de dentro” (mais ligadas às *origens* “no mato”)²⁴. Relaciona esta alternância espacial com algo mais geral nas sociedades das terras baixas da América do Sul – a sazonalidade entre outros grupos sendo uma das formas de incidência desta alternância.

Além do foco numa antropologia do espaço, Loch (2004) amarra várias outras linhas temáticas em sua pesquisa (trabalhadas de forma breve). Chamam a atenção suas descrições sobre algumas categorias xokleng relacionadas às formas de sociabilidade nativa. Assim, o conceito de *se ganhar* ganha especial destaque nas relações com a alteridade e na divisão dos alimentos na etiqueta xokleng: “*Ganar* pode ser utilizado em situações em que uma pessoa, tendo a possibilidade de

²⁴ *Origem* aqui se refere ao tempo mítico, o que poderia desembocar na discussão em torno da diferença entre mito e história. Interessante levar em conta, além da extensa bibliografia já produzida sobre a questão, a distinção que Leach (1974) faz entre Crono (temporalidade irreversível ligada ao tempo cronológico [histórico]) e Cronos (ligada à ordem do princípio, cíclica e reversível). A ‘pacificação’, evento histórico para ‘nós’, parece ser tomada como princípio para os Xokleng, o que talvez aponte para uma dissolução da dicotomia: “o muro que em certa medida existe na nossa mente entre mitologia e história pode provavelmente abrir fendas pelo estudo de histórias concebidas não já como separadas da mitologia, mas como uma continuação da mitologia” (LÉVI-STRAUSS, 1987, p. 31). Menezes Bastos (2006) afirma que para os Kamayurá a pertinência mítica está ligada à ruptura (“catástrofes prototípicas”, “origens”) enquanto a histórica aponta para a continuidade. Pode haver aqui alguma semelhança com o caso xokleng.

ofertar algo a alguém, não o faz" (LOCH, 2004, p. 111). Não se *ganar* é o tipo de atitude desejável na construção do *socius* xokleng. A partir daí o grupo estabelece toda uma teoria da acumulação econômica relacionada a não divisão dos alimentos e bens, que a autora sugere apontar para aquela linha divisória básica entre a mercadoria e o dom (apenas sugere, deixando para estudos futuros o desenvolvimento do tema).

Meu elogio ao trabalho de Loch (2004) vai no sentido de que o vejo como uma ruptura em relação às abordagens anteriores: penso que ela leva a sério o que os nativos dizem – naquela concepção de colocar as idéias nativas no mesmo patamar epistemológico das idéias do pesquisador (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Porém, como ruptura, está acompanhada de continuidades (em relação às outras abordagens)²⁵. Não se trata, devo deixar claro, de uma abordagem 'melhor' que as anteriores – isso seria um tanto incoerente e positivista: aproximar modelos teóricos utilizando um critério de verdade. O que fiz aqui foi tentar explicitar alguns pontos de partida e dar pistas de outros pontos a partir dos quais é possível construir outra abordagem. Entendo que cada análise possui um *rendimento* específico que torna possível algumas proposições dentro de um sistema de inteligibilidade particular. Seguindo Strathern (2007), concordo que a exegese antropológica atua por metáforas que criam um mundo paralelo ao mundo observado, "através de um meio expressivo (o texto escrito) que estabelece suas próprias condições de inteligibilidade" (STRATHERN, 2007, p. 47): a transformação efetuada pela análise antropológica é, portanto, metafórica e não metonímica, a descrição se dando por tropos, que se não levam diretamente ao objeto, tem este como referência, porém, transformados agora por um discurso com condições de inteligibilidade outras. Ou seja, devemos perguntar, ao tratar dos Xokleng, que mundo paralelo construiremos na análise, que tipos de discussões já foram feitas (de modo competente, vale enfatizar) e quais diálogos ainda não vieram a tona entre a antropologia e os Xokleng.

Referências bibliográficas

²⁵ Não enfatizadas neste texto para uma maior economia na arguição.

ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Orgs.). **Pacificando o branco**: cosmologias do contato no norte amazônico. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BAPTISTA DA SILVA, Sérgio. Categorias socio-cosmológico-identitárias indígenas recentes e processos de consolidação de novos sujeitos coletivos de direito: os Charrua e os Xokleng no Rio Grande do Sul. In: FREITAS, Ana Elisa de Castro; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas (Orgs.). **Povos Indígenas na Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2008. p. 25-35.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; Streiff-STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs.). **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998. p. 185-228.

COELHO DOS SANTOS, Silvio. **Branços e Índios no sul do Brasil**: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973.

_____. **Os índios Xokleng**: memória visual. Florianópolis/Itajaí: Editora da UFSC/Editora da Univali, 1997.

_____. Entrevista com Silvio Coelho. **Omnis Urbe**, Florianópolis, v. 2, n. 2, s/p., dez. 2000. Disponível em: www.cfh.ufsc.br/aldeias/artigos/entrevista_silvio.htm. Acesso em: 08 dez. 2010.

COELHO DOS SANTOS, Silvio; NACKE, Aneliese (Orgs.). **Hidrelétricas e Povos Indígenas**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

DIAS-SCOPEL, Raquel. **Agente indígena de saúde Xokleng**: por um mediador entre a comunidade indígena e o serviço de atenção diferenciada à saúde - uma abordagem da antropologia da saúde. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, [2005].

EVANS-PRITCHARD, Edward Evans. **Os nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 1993.

GAKRAN, Nanblá. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Laklãnõ (Xokleng) “Jê”**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Unicamp, [2005].

GENSCH, Hugo. Die Erziehung eines Indianerkindes: praktischer beitrug zur lösung der südamerikanischen Indianerfrage. Berlin: Verhandlungen des **XVI Internationalen Americanisten-Kongresses**, 1908.

HENRIQUES, Karyn N. R. **Territórios indígenas em espaços urbanos**: um estudo da migração dos indígenas da TI Ibirama para Blumenau – SC. 2000. 138 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, [2000].

HENRY, Jules. **Jungle people**: a Kaingang tribe of the highland of Brazil. New York: Vintage Books, 1964.

HERBETTA, Alexandre Ferraz. “**A idioma**” dos índios **Kalankó**: por uma etnografia da música no alto-sertão alagoano. 2006. 204 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, [2006].

HICKS, David. A structural Model of Aweikoma Society. In: BEIDELMAN, Thomas Owen (Org.). **The Translation of Culture**: Essays to E. E. Evans-Pritchard. Londres: Routledge, 2003. p. 141-159.

LEACH, Edmund R. Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo. In: _____. **Repensando a antropologia**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 191-209.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **História de Lince**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOCH, Silvia. **Arquiteturas Xoklengs contemporâneas**: uma introdução à antropologia do espaço na Terra Indígena Ibirama. 2004. 147 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, [2004]. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PASO0147.pdf> . Acesso em: 08 dez. 2010.

MAESTRI, Beatriz C. **CIMI e o povo Xokleng**: uma análise da atuação missionária na terra indígena Ibirama. 2001. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, [2001].

MAYBURY-LEWIS, David. **Dialectical societies**: the Gê and Bororo of Central Brazil. Cambridge: Harward University Press, 1979.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Ritual, história e política no Alto Xingu: observações a partir dos kamayurá e do estudo da festa da jaguatirica (Jawari). In: FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (Orgs.). **Os povos do Alto Xingu**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. p. 335-357.

_____. Leonardo, a flauta: uns sentimentos selvagens. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 557-579, jul./dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012006000200002 . Acesso em: 08 dez. 2010.

MÜLLER, Sálvio A. **Efeitos desagregadores da construção da Barragem de Ibirama sobre a comunidade indígena**. 1985. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, [1985].

NAMEM, Alexandre M. **Índios botocudo**: uma reconstituição histórica do contacto. 1991. 103 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, [1991].

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Etnologia dos Índios “Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998.

OVERING, Joanna. Orientation for paper topics: Simpósio “Social Time and Social Space in Lowland South American Societies”. In: **Actes du XLII Congrès International des Américanistes**. Paris: Société des Américanistes, 1977. p. 9-10.

PAULA, José Maria de. Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catarina organizada pelo Serviço de Proteção aos silvícolas sob a inspeção do Dr. José Maria de Paula. **Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas (1922)**. v.1. Rio de Janeiro, 1924.

PEREIRA, Walmir S. **Ferrovia São Paulo - Rio Grande e os índios Xokleng**: relações interétnicas e modernidade no Brasil meridional. 1995. 195 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, [1995].

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

ROOSEVELT, Anna C. Arqueologia Amazônica. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 53-88.

SÁEZ, Oscar Calavia. Os ‘índios dos índios’: a indianidade, a humanidade e os iaminauás. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 42, n. 252, p. 13, set. 2008.

SILVA, Simões da. **A tribu Caingang (índios bugres-botocudos)**: Estado de Santa Catarina, Brasil. Rio de Janeiro: Oficinas Alba Graphics, 1930.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

SULLIVAN, Elaine B.; MOORE, Susan K. (Orgs). **The Shokleng of Brazil**: artistic expression in a changing Forest. Austin: The university of Texas, 1990.

URBAN, Greg P. **A Model of Shokleng Social Reality**. 1978. 398 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - University of Chicago, [1978].

_____. The semiotics of two speech styles in Shokleng. In: **Sociolinguistic working paper number 103**: southwest educational development lab. Austis, Texas, 1982.

_____. Semiotic Functions of Macro-parallelism in the Shokleng Origin Myth. In: URBAN, Greg; SHERZER, Joel (Orgs.). **Native South American discourse**. Berlin: M. de Gruyter, 1986. p. 15-58.

_____. Nil of the Macuco. In: SULLIVAN, Elaine B.; MOORE, Susan K. (Orgs). **The Shokleng of Brazil**: artistic expression in a changing Forest. Austin: The university of Texas, 1990. s/p.

_____. **Metaphysical Community**: the interplay of the senses and intellect. Austin: University of Texas Press, 1996.

VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de "etnicidade" na obra de Fredrik Barth. In: **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 165-192, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n1/a06v10n1.pdf> . Acesso em: 08 dez. 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. Etnologia Brasileira. In: MICELI, Sérgio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira**. São Paulo: Ed. Sumaré, 1999. p. 109-223.

_____. O Nativo Relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

_____. Introdução ao método do perspectivismo: perspectival anthropology and the method of controlled equivocation. In: **A onça e a diferença**. Miami: Wikia, 2004. Disponível em: http://amazone.wikia.com/wiki/Introdução_ao_método_do_perspectivismo . Acesso em: 08 dez. 2010.

WIJK, Flavio B. Xokleng. In: Melatti, Júlio César (Org.). **Enciclopédia dos Povos Indígenas do Brasil**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1998. s/p.

_____. Contato, epidemias e corpo como agentes de transformação: um estudo sobre a AIDS entre os Índios Xokleng de Santa Catarina, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 397-406, mar./abr. 2001.

_____. **Christianity converted**: an ethnographic analysis of the Xokleng “Laklano” Indians and the transformation resulting from their encounter with pentecostalism. 2004a. s/p. Tese (Doutorado em Antropologia) -. University of Chicago, [2004a].

_____. O Evangelho Transformado: Apropriações Xokleng (Jê) do Cristianismo Pentecostal. In: WRIGHT, Robin M. (Org.). **Transformando os Deuses**: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004b. p. 141-159.

WITTMANN, Luisa T. **Atos do contato**: histórias do Povo Indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850/1926). 2005. 207 f. Dissertação (Mestrado em História) - Unicamp, [2005].

_____. **O vapor e o botoque**: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.